

12648 - Experiências de intercâmbio entre agricultores/as: Valorizando a prática camponesa de socialização de saberes no Vale do Mucuri, Minas Gerais – Fortaleza/CE, 2011

Exchange of experiences between farmers: Valuing the practice peasant socialization of knowledge in the Mucuri Valley, Minas Gerais – Fortaleza/CE, 2011

Láuar Neto, Nacip Mahmud¹; Moreira, Gabriel Dayer de Barros ²; Rodrigues, Carolina Costa³; Martins, Reginaldo Rodrigues⁴; Fávero, Claudenir⁵;

1 Discente bolsista NAC-UFVJM, nacip85@gmail.com; 2 Discente bolsista NAC-UFVJM, dayergabriel@gmail.com; 3 Eng. Florestal CAT-GV, carolinecrd@gmail.com; 4 Técnico CAT-GV, regis.armicopa@yahoo.com.br; 5 Coordenador NAC-UFVJM, parana.ufvjm@ufvjm.edu.br

Resumo: A ARMICOPA – Associação Regional Mucuri de Cooperação dos Pequenos Agricultores desenvolveu, entre 2007 e 2010, o projeto “*Agricultura Familiar e Gestão dos Recursos Hídricos e Florestais no Território do Vale do Mucuri em Minas Gerais*”. Um dos eixos do projeto compreendia o intercâmbio de saberes entre comunidades camponesas. Nos intercâmbios foram priorizados os diálogos sobre a diversificação produtiva nas unidades familiares, principalmente relacionados com os Sistemas Agroflorestais. São relatadas experiências visitadas em organizações do movimento agroecológico no estado de Minas Gerais e Bahia. Os intercâmbios demonstraram serem eficientes na recuperação de práticas e saberes das comunidades participantes.

Palavras-Chave: Troca de Saberes, Agricultores Experimentadores, Agroecologia.

Contexto

O projeto “*Agricultura Familiar e Gestão dos Recursos Hídricos e Florestais no Território do Vale do Mucuri em Minas Gerais*”¹, foi desenvolvido pela Associação Regional Mucuri de Cooperação dos Pequenos Agricultores - ARMICOPA entre 2007 e 2010. Como apoio e integrado as atividades do mesmo foi executado, pela UFVJM, o projeto “*Formação de Agentes Agroambientais em Interface com o Monitoramento da Recuperação de Áreas de Preservação Permanente no Vale do Mucuri – MG*”, financiado pela Fundação de Amparo a Pesquisa de Minas Gerais – FAPEMIG.

As viagens de intercâmbios foram fundamentais nesta experiência, pois aproximaram agricultores/as das realidades sócio-ecológicas de diferentes comunidades situadas em contextos bem diferenciados, se constituindo em importantes ferramentas de estudos comparativos e de incentivo à trocas de experiências entre agricultores/as que trabalham na perspectiva da Agroecologia.

As visitas ocorreram nos municípios de Itamaraju (extremo sul da Bahia), Turmalina (Vale do Jequitinhonha – MG), e São José da Safira (Vale do Rio Doce – MG). As comunidades locais são assessoradas pelas organizações do movimento agroecológico, respectivamente: Centro de Desenvolvimento Agroecológico do Extremo Sul da Bahia - TERRA VIVA, Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica – CAV e Centro Agroecológico Tamanduá – CAT.

¹ O projeto contou com apoio financeiro do subprograma Projetos Demonstrativos do Ministério do Meio Ambiente (PDA/PPG7/MMA).

Os intercâmbios foram momentos ricos de discussão e aprendizados, onde o objetivo foi refletir sobre as experiências agroecológicas a partir da visão e da vivência dos/as agricultores/as experimentadores/as, e socializar tecnologias de cunho local e regional. As trocas de saberes contribuem de diferentes formas com os trabalhos no campo e restabelecem novos sentidos aos valores dos trabalhos coletivos dentro das comunidades camponesas.

Estes momentos, quando facilitados pelas próprias famílias camponesas, são importantes na apropriação das tecnologias de desenvolvimento local, onde o/a agricultor/a consegue comunicar, dialogar e construir com outros/as novos aprendizados, melhorias de sua área e das relações comunitárias.

Os/as "Agentes Agroambientais" constituíram um grupo de agricultores/as experimentadores/as com papéis diferenciados no âmbito do projeto e foram os guardiões da memória dos intercâmbios. Eles/as atuam como educadores/as populares, facilitadores/as e animadores/as das reuniões ou mutirões nas comunidades, relatando e repassando aos agricultores/as os momentos vivenciados nos intercâmbios e nas atividades experimentais.

Descrição da experiência

Os momentos de diálogos presentes nos intercâmbios foram facilitados pelos/as agricultores/as. Assim, a dinâmica de exposição dos trabalhos desenvolvidos e sua organização fizeram parte da vivência dos/as envolvidos/as, propiciando a reflexão e apropriação do conhecimento agroecológico.

"O que a gente viu é que o Sr. Antônio é um pequeno agricultor como a gente e muitas vezes já praticamos o Sistema Agroflorestal no quintal, misturando, às vezes até sem sabe." (Agricultor em visita ao Sítio do Senhor Antônio e família em Turmalina – MG).

A troca de experiências entre agricultores/as experimentadores/as de Sistemas Agroflorestais mostrou que os conhecimentos de cada agricultor/a e a observação cotidiana são primordiais no manejo dos sistemas. Os agroecossistemas mais complexos foram as áreas do extremo sul da Bahia, onde frutíferas são sombreadas pelas grandes árvores da mata.

O Sistema Agroflorestal (SAF) ou a "Roça Agroecológica" consiste no cultivo consorciado, combinando plantas arbóreas em uma mesma área em conjunto com cultivos agrícolas formando um arranjo produtivo diversificado de espécies, sejam frutíferas, nativas, adubadeiras e/ou exóticas com a finalidade de proteger o solo e obter a produção sustentável com base nos princípios agroecológicos. O consórcio oferece produção o ano todo, por exemplo: na horta consorciada, no período chuvoso morre a couve e, o inhame cresce e, assim, são várias espécies que se adaptam umas com as outras.



Figura 1 - Agentes Agroambientais em visita à experiência com SAF no Extremo Sul da Bahia, Terra Viva.

No CAV vivenciaram-se as estratégias de convivência com o semi-árido, bem como, toda a organização necessária frente às tecnologias adaptadas a esta condição.

Seu Antônio, Dona Maria e seus filhos Judite e Lucas compartilharam o trabalho com SAF que há 15 anos desenvolvem em sua propriedade. Seu Antônio ouviu falar das idéias de Vicente Nica, que lutava pela preservação da natureza e pelos direitos dos/as trabalhadores/as rurais. Começou a participar do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Turmalina e a praticar o cuidado com a natureza no seu dia a dia. Com a assessoria do CAV conheceu o sistema agroflorestal e se tornou um dos agricultores multiplicadores da proposta na região.

No assentamento Formosa Urupuca, o Sr. Daniel compartilhou seu trabalho com SAF. A área possui um histórico, como ele mesmo explica, de muito exagero em queimadas e criação de animal por um antigo latifundiário. A área pertencia a uma antiga fazenda que foi desapropriada para fins de reforma agrária. Na apresentação da área estava presente a agricultora Maria Carlota, à época, coordenadora geral do CAT - Centro Agroecológico Tamanduá, que contou um pouco da história e do processo de organização dos/as agricultores/as assentados na região.

O Agricultor Daniel relatou que faz parte de um grupo de estudo e debate sobre Agroecologia denominado AEMSAS – Agricultores Experimentadores e Monitores de Sistemas Agroecológicos.

O grupo AEMSAS foi criado por agricultores e agricultoras que queriam experimentar sistemas de produção agroecológicos, assessorados pelo CAT. A agricultora Maria Carlota e o agricultor Daniel participaram da constituição do grupo, depois de um seminário de Agroecologia realizado pelo CAT.



Figura 2. Área experimental de SAF na propriedade do Senhor Daniel, assentamento Formosa Urupuca, CAT, Governador Valadares-MG.

“Este grupo era o grupo dos doidos, todo mundo falava, mas hoje eu tenho a convicção e sou prova que não é 'grupo dos doido' nada” (Agricultora Maria Carlota, Sítio Formosa Urupuca, maio/2010).

Aprendizados e Perspectivas

No processo de intercâmbio de saberes sobre os agroecossistemas, os/as agricultores/as dialogam livremente e observam ambientes e processos que os/as circundam. Estes entendem o meio como espaço de manutenção da vida na terra e que o ser humano compreende e transforma seu meio a partir da sua vivência local.

O padrão produtivo imposto pela agricultura moderna, que tendência para a competição, contribui para a desarticulação dos espaços de socialização dos agricultores/as familiares. Nele, o uso de tecnologias exógenas é um dos pilares do modelo de desenvolvimento. Como descrevem João do Vale e Jocastro Bezerra de Aquino, na música “Sina do Caboclo”, em 1964, período inicial da implantação daquele modelo de produção:

“(..) Quer ver eu bater no chão, com força, coragem, com satisfação? E só me dar terra prá ver como é: eu planto feijão, arroz e café, vai ser bom prá mim e bom pró doutor. Eu mando feijão, ele manda trator, vocês vai ver o que é produção! Modéstia á parte, eu bato no peito: eu sou lavrador! Mas plantar prá dividir. Não faço isso não...”

Os intercâmbios são momentos importantes para o processo de resistência camponesa. Através da socialização das experiências de vida e da promoção de ações coletivas,

como os mutirões, reconhecidos desde tempos longínquos na agricultura camponesa.

Cada vez mais, o intercâmbio de experiências tem despontado como uma metodologia primordial para a recuperação de práticas e troca de saberes entre as comunidades locais e regionais. O/a camponês/a que facilita estes momentos, abrindo suas experiências e dinâmicas de trabalho, configura-se como educador popular. Este papel, de "sujeito facilitador" da experiência desenvolvida deve ser valorizado e apoiado dentro das instituições de pesquisa, ensino e extensão.

Agradecimentos

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG pelos apoios financeiros. Aos Agricultores e Agricultoras do Vale do Mucuri que participaram dos momentos de intercâmbio e espaços de socialização com os Agricultores e Agricultoras experimentadoras que abriram suas pesquisas e com todos e todas envolvidos, especialmente a ARMICOPA.